

DISCURSO E SUAS IMPLICATURAS: IMPLICATURAS CONVERSACIONAIS EM TEXTOS HUMORÍSTICOS

Adriano Alves Bezerra

Carlos Bezerra de Lima

Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia da Paraíba – adriano_sevla@hotmail.com

Faculdade Santíssima Trindade, (Nazaré da Mata PE) – carlos.bezerra.lima@gmail.com

RESUMO: Considerando que toda e qualquer mensagem linguística implica certo grau de engajamento entre as partes envolvidas no discurso (locutor e interlocutor), respeitando-se as funções da linguagem, e que tal mensagem deve cumprir determinados princípios de cooperação para que seja entendida com clareza. Neste trabalho, analisamos através de textos humorísticos, a ocorrência das máximas e implicaturas do linguista e filósofo Paul Grice, segundo Costa (2009). Para isso, inicialmente, nos propomos apresentar as características do princípio da cooperação PC, que em um ato comunicativo, pode manifestar dois tipos de implicaturas: as convencionais e as conversacionais. As implicaturas conversacionais envolvem quatro máximas principais: nas categorias de quantidade, qualidade, relação e modo. Para facilitar essa sincronia, nos apoiamos em exemplos de enunciados com as relativas máximas supracitadas; em seguida, analisamos exemplos de textos humorísticos que contemplem a presença e/ou quebra das máximas, avaliando as implicaturas por trás das violações nos diálogos de cada texto explorado. Em um ato comunicativo, durante a interação entre interlocutores, o locutor muitas vezes pode sugerir mais do que fora dito no discurso em seu sentido literal. Neste caso, para que seu interlocutor compreenda a informação extra, precisa compartilhar da mesma mensagem linguística que envolve o princípio da cooperação. Este princípio envolve o conhecimento e habilidades da competência comunicativa, linguística, conhecimentos extralinguísticos e sociais. Os textos de caráter humorísticos apresentam em seus enunciados, uma boa quantidade de informações implícitas que geralmente promovem o sentido humorístico da situação apresentada. Partindo deste pressuposto, vislumbramos identificar em tais textos, as implicaturas conversacionais subentendidas.

Palavras-chave: Discurso, textos humorísticos, princípio da cooperação, implicaturas.

ABSTRACT: Whereas any linguistic message implies a certain degree of engagement between the parties involved in the discourse (speaker and interlocutor), respecting the functions of language, and that this message must comply with certain principles of cooperation in order to be understood clearly. In this work, we analyze through humorous texts the occurrence of the maxims and implicatures of the linguist and philosopher Paul Grice, according to Costa (2009). For this, initially, we propose to present the characteristics of the PC cooperation principle, which in a communicative act can manifest two types of implicatures: conventional and conversational. The conversational implicatures involve four main maxims: in the categories of quantity, quality, relation and mode. To facilitate this synchrony, we rely on examples of statements with the relative maximums mentioned above; Then we analyze examples of humorous texts that contemplate the presence and/or breaking of the maxims, evaluating the implicatures behind the violations in the dialogues of each explored text. In a communicative act, during the interaction between interlocutors, the speaker can often suggest more than was said in speech in its literal sense. In this case, in order for your interlocutor to understand the extra information, you need to share the same linguistic message that involves the principle of cooperation. This principle involves the knowledge and skills of communicative competence, linguistics, extralinguistic and social knowledge. The humorous texts present in their statements, a good amount of implicit information that generally promote the humorous sense of the presented situation.

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

Based on this assumption, we envisage identifying in these texts the implied conversational implicatures.

Key words: Discourse, humorous texts, principle of cooperation, implicatures.

1. Introdução

Em uma análise dos elementos da comunicação, para que esta seja assimilada pelo destinatário, uma mensagem exige a sincronização de fatores imprescindíveis ao seu objetivo que é estabelecer comunicação entre dois ou mais indivíduos. Para isso, em um primeiro momento, é preciso haver harmonia entre as funções da linguagem. Ou seja, é indispensável que a mensagem, o código, o contexto e o canal usado pelo locutor sejam de conhecimento do interlocutor. Dessa forma, se consumará a comunicação entre emissor e receptor. Entretanto, apenas isso não irá garantir o sucesso da comunicação. É necessário, por exemplo, que locutor e interlocutor desfrutem de um mesmo contexto social. Caso contrário, a comunicação não será transmitida com clareza.

Existem mensagens em que o seu sentido expresso é facilmente compreendido simplesmente pelo seu significado convencional. Isto é, o significado usual das palavras. Elas são as mensagens formadas por implicaturas convencionais. Todavia, existem outras mensagens, as quais não subtraímos seu significado apenas através do seu significado comum. É preciso então, decifrar seu sentido, que estará sendo determinado por certos princípios do ato comunicativo. Neste caso, estas são formadas por implicaturas conversacionais.

Partindo do pressuposto de que um ato comunicativo é regido por princípios da cooperação PC e sabendo que os indivíduos envolvidos em um discurso devem respeitar tal princípio. Nossa proposta é identificar e analisar em textos humorísticos, a presença das máximas e implicaturas de Paul Grice, segundo os estudos de Costa (2009).

Para isso, levaremos em consideração o que apresenta Vale (2008) de que em um texto humorístico, existe mais do que apenas sua função lúdica. O texto humorístico apresenta características particulares em que através de jogos de palavras o humorista provoca o riso ao interlocutor, no caso dos textos humorísticos, o leitor. Identificaremos a presença e/ou violação de máximas e exporemos as implicaturas envolvidas neste jogo de significação.

2. Contribuições teóricas

Os principais trabalhos do inglês H. Paul Grice (1913-1988) foram voltados a teoria pragmática do significado. Seus estudos trouxeram contribuições para a linguística, para a filosofia, dentre outras áreas do conhecimento, como a ciência cognitiva. Investiu em estudos dos aspectos da intenção comunicativa. Em suas teorias, Grice não almejava apenas explicar o sentido usual, mas o sentido aplicado nos enunciados. Pretendia analisar as intenções subentendidas nos atos de fala. Foi ele quem criou a “teoria das implicaturas”, que consiste em esclarecer os sentidos que estão implícitos em um ato comunicativo. Aquele que vai além do que é dito literalmente.

De acordo com Costa (2009), os primeiros textos de Grice tornaram-se conhecidos públicos por volta de 1956, conhecidos pela “teoria da comunicação através dos conceitos de significação natural e não-natural”. O autor aborda a teoria das implicaturas descritas pelo modelo de Grice que tinha como preocupação, explicar os sentidos implícitos nos atos de fala trocados por locutor e interlocutor. Ao que explica:

Conforme já havia demonstrado em “Meaning”, a preocupação central de Grice era encontrar uma forma de descrever e explicar os efeitos de sentido que vão além do que é dito. Em última análise, como é possível que um enunciado signifique mais do que literalmente expresso. Deve haver algum tipo de regra que permita a um falante (A) transmitir algo além da frase e a um ouvinte (B) entender esta informação extra. (COSTA, 2009, p. 12)

Sendo assim, o termo implicatura criado por Grice e apresentado em Costa (2009) é o que visa explicar o fenômeno que acontece na comunicação entre dois falantes A e B que lhes permitem entender mais do que fora dito literalmente em determinado contexto.

No modelo clássico de Grice, são mencionados dois tipos de implicaturas, como mostra Costa: “Implicatura Convencional que está presa ao significado convencional das palavras e a Implicatura Conversacional que não depende da significação usual, sendo determinada por certos princípios básicos do ato comunicativo”. (COSTA, 2009, p.12-13).

No primeiro caso, o próprio enunciado é suficiente para que se entenda o sentido do ato comunicativo. Consideremos a seguinte situação, A e B conversam: A - “O que achou do cavalo?” B - “É mesmo um belo animal”. No diálogo, A pergunta para B o que achou do seu cavalo. B responde que é um belo animal. Percebe-se

que nesta situação, o sentido dos enunciados segue o contexto literal, o que é suficiente para transmitir a mensagem ao destinatário. O tema da conversa é um animal da família dos equídeos.

Já no segundo caso, é necessário mais que o sentido literal no enunciado para que se chegue ao que se quer realmente dizer. Por exemplo, em uma conversa A pergunta para B: A - “O que houve?” B - “Este cara é um cavalo”. Neste caso, ao ser indagado por A, do que lhe acontecia, B responde que um determinado indivíduo é um cavalo. Aqui, a palavra cavalo é usada com um sentido diferente. B, ao chamar o indivíduo de cavalo, sugere que ele é um bruto, grosso e/ou mal-educado. Neste último episódio, para que se chegue a esta conclusão é necessário que os dois indivíduos A e B compartilhem o mesmo contexto linguístico.

Entretanto, é possível perceber que para que isso ocorra, os indivíduos em questão precisam compartilhar mecanismo como mesmo contexto social, cultural, histórico e situacional. Como explicam Almeida & Silva (2013), o locutor é um ser social que possui habilidades adquiridas pela competência comunicativa, linguística, conhecimentos extralinguísticos e sociais. “[...] o locutor é considerado um ser social. Logo, ao serem concebidos como seres sociais, os locutores são construídos ao mesmo tempo pela interação entre eles e pelas relações com o extralinguístico e a sociedade.” (ALMEIDA; SILVA, 2013, p. 123).

Passaremos analisar em atos comunicativos de textos humorísticos, a presença das implicaturas conversacionais segundo o modelo de Paul Grice. De acordo como Costa (2009:13), Grice determina quatro categorias principais para classificar as máximas conversacionais e suas implicaturas:

I. Categoria da quantidade

Relaciona-se a quantidade de informação contida na mensagem. É classificada de acordo com duas máximas:

- Que a mensagem não possua mais informações que o necessário para o enunciado;
- Que a mensagem não possua menos informações que o necessário para o enunciado.

II. Categoria de qualidade

Relaciona-se à máxima “busque ser verdadeiro” e está subdividida em:

- Apresente apenas informações verdadeiras;
- Não apresente informações que não possam ser comprovadas;

III. Categoria de relação

- Relacionada a máxima “seja relevante”;

IV. Categoria de modo

Está diretamente relacionada à máxima “seja claro” e indiretamente relacionada as máximas das quais Costa enumera as principais:

- Evite obscuridade de expressão;
- Evite ambiguidade;
- Seja breve;
- Seja ordenado

Para sermos mais específicos, consideremos o seguinte diálogo em que A e B conversam e A pergunta:

A: Que horas são?

E B responde:

B: São onze horas e onze minutos!

Considerando o item I, é possível perceber que o princípio da cooperação, no que se refere à categoria de quantidade, foi totalmente respeitado, visto que B, ao responder, não deu mais informações que o necessário, porém foi tão informativo quanto o diálogo exigia.

Na categoria descrita no item II, categoria de qualidade, consideremos o mesmo diálogo em que B, para responder as horas, olhou em seu relógio para poder dizer: _ São onze horas e onze minutos. Neste caso ele respeitou a máxima “procure afirmar coisas verdadeiras”, sendo que, olhando para o relógio, B

nem afirmou algo falso, nem afirmou algo que não poderia ser evidenciado.

Da mesma forma, percebemos coesão entre o diálogo, relacionando agora aos itens III e IV. É possível observar que B fora relevante, cumprindo com o que pede na categoria III, e que também respeitou a categoria de modo, item IV, evitando obscuridade, ambiguidade, sendo claro e ordenado.

3. O respeito e a quebra de máximas e suas implicaturas em textos humorísticos

Segundo Vale (2008), os textos humorísticos, embora tenham como atributo a função lúdica, por apresentarem características do meio social, assinalam rasgos do comportamento humano. O humor representado pelos textos humorísticos é o que garantirá, neste tipo de gênero, a ocorrência do riso. Mesmo que ambos os elementos estejam ligados um ao outro, enquanto o humor é instrumento denúncia do comportamento social, o riso se alimenta através imagem negativa de terceiros. (VALE, 2008, p. 4).

Sendo os textos humorísticos, divulgadores dos mais diversos assuntos do nosso cotidiano, vislumbramos analisar nos mesmos, a ocorrência de implicaturas conversacionais de Grice, sendo que grande parte, é justamente a presença de tais implicaturas que proporcionam o tom humorístico ao texto.

Através do exposto anteriormente, implicaturas conversacionais são enunciados que possuem sentido(s) que vão além do literal. Costa (2009) explica existência de três situações em que podem ocorrer estas implicaturas entre interlocutores, tendo em vista o princípio da cooperação:

1. Nenhuma máxima é violada: embora em alguns enunciados aparentem haver quebra de máxima quanto à relevância da interação, os interlocutores apenas sugerem implicaturas, respeitando o princípio da cooperação;
2. Uma máxima é violada para que outra seja preservada: o interlocutor quebra uma ou mais máximas em detrimento a outra de maior relevância para o ato comunicativo;
3. Violação de máxima(s) para obter implicatura conversacional: há a violação espontânea de uma ou mais máximas para sugerir implicaturas.

Neste contexto, faremos a análise das máximas e implicaturas nos textos humorísticos apresentados a seguir:

3.1. Nenhuma máxima é violada

Texto 01.

1. MULHER: Se eu morresse você casava outra vez?
2. MARIDO: Claro que não!
3. MULHER: Não?! Não por quê?! Não gosta de estar casado?
4. MARIDO: Claro que gosto!
5. MULHER: Então por que é que não casava de novo?
6. MARIDO: Esta bem, casava...
7. MULHER (com um olhar magoado): Casava?
8. MARIDO: Casava. Só porque foi bom com você...
9. MULHER: E dormiria com ela na nossa cama?
10. MARIDO: Onde é que você queria que nós dormíssemos?
11. MULHER: E substituiria as minhas fotografias por fotografias dela?
12. MARIDO: é natural que sim...
13. MULHER: E ela ia usar o meu carro?
14. MARIDO: Não. Ela não dirige...
15. MULHER: !!! (silêncio)
16. MARIDO: F*deu!

Disponível em: <http://www.piadasnet.com/piada273casais.htm>

No texto 01, marido e mulher seguem o princípio da cooperação. Em um primeiro momento a mulher quer saber se caso ela morresse seu marido se casaria novamente, ao que responde inicialmente que não (linhas 1-4). Após a insistência da mulher no assunto, o marido responde que se casaria novamente simplesmente por que foi bom ter casado com ela (linhas 5-8). Questionado novamente, desta vez, se manteria com a outra mulher a mesma rotina (dormir na mesma cama, se substituiria suas fotos e se usaria seu carro), ele lhe dá uma resposta que será responsável por caracterizar o humor do texto 01, e conseqüentemente, em um primeiro momento, aparenta uma quebra de máxima: “Não. Ela

não dirige...” (linha 14). Nesta frase está implicado que a mulher idealizada no diálogo já existe “ela não dirige”. O verbo dirigir no presente reforça esta afirmação. Pelo fato da mulher ter ficado em silêncio, o marido interpreta que ela entendeu o implícito da mensagem e termina com a frase: “F*deu!”.

3.2. Uma máxima é violada para que a outra seja preservada

Texto 02.



Disponível

em:

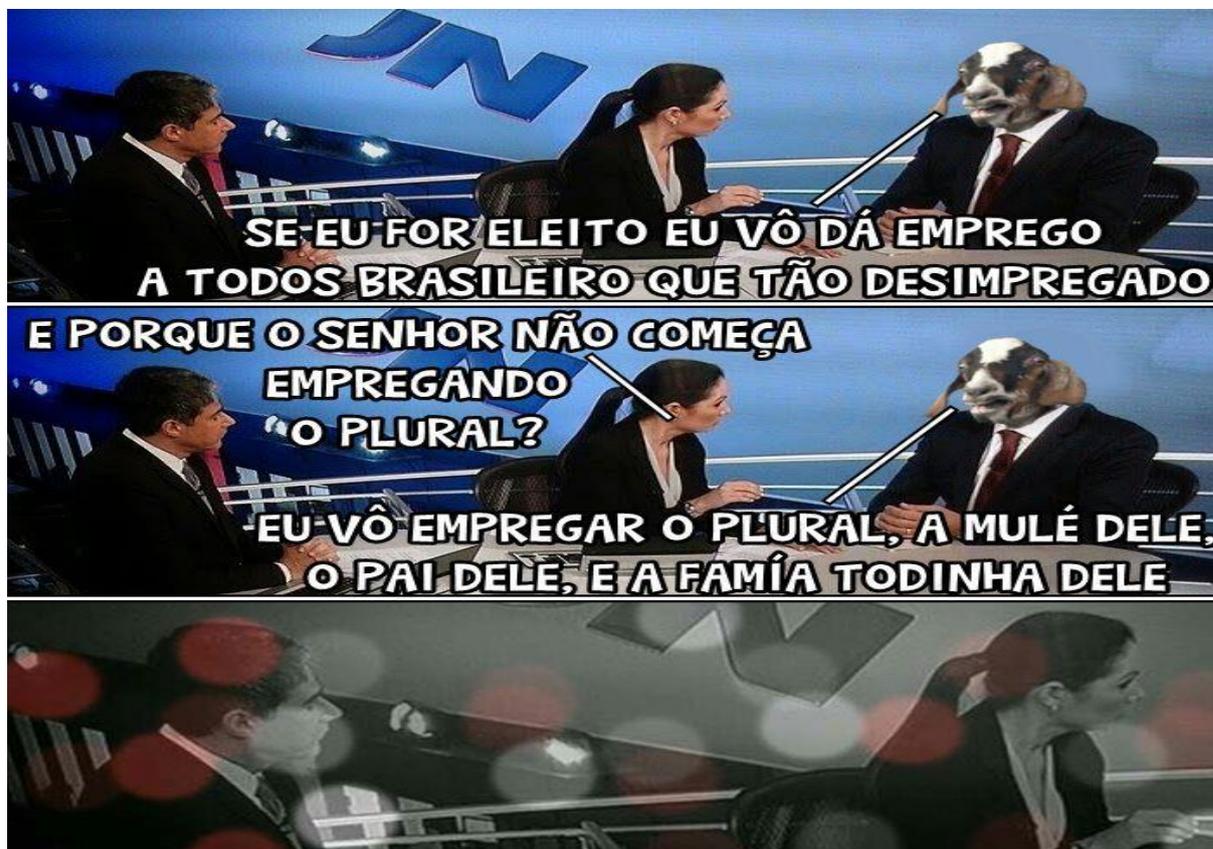
https://4.bp.blogspot.com/-pRfv4_Be5q4/UeIFdbSi3I/AAAAAAAAAKmk/XXA12NKPJNA/s320/blogbodegaiato.jpg

Diferente do caso anterior, nesta situação, uma ou mais máxima será violada para que outra seja preservada.

O texto 02 apresenta a charge do Bode Gaiato, personagem famoso atualmente no facebook. Na situação apresentada, o doutor quebra a máxima de quantidade para respeitar a máxima de qualidade. Eis que na charge a senhora pergunta ao médico se pode tomar o comprimido receitado com diarreia. Neste contexto, por haver um sentido ambíguo na frase, o que provocará o sentido de humor do texto. “Tomar o comprimido com diarreia”, para o médico lhe soa anormal. Quando na realidade a senhora pretendia questionar se, estando ela com diarreia, poderia tomar o comprimido sem qualquer efeito colateral. O médico respeitando o princípio da cooperação, que embora possa ter entendido o que a paciente quisesse dizer, optou por valorizar a máxima de

qualidade e contestou: “rapaz, eu tomo com água, mas a senhora é que sabe! ”. Assim sendo, houve a quebra da máxima de quantidade em detrimento à máxima de qualidade.

Texto 03



Disponível em: <http://images7.memedroid.com/images/UPLOADED13/53f60d0c8ebad.jpeg>

Já neste outro exemplo, texto 03, O candidato diz: “Se eu for eleito eu vô dá emprego a todos brasileiro que tão desempregado”. A entrevistadora então, por notar seus erros de concordância pergunta: “E porque o senhor não começa empregando o plural? ”. A resposta do candidato então se mostra vaga para o que a entrevistadora perguntou: “Eu vô empregar o Plural, a mulé dele, o pai dele, e a famíia todinha dele”. Embora a resposta do candidato tenha sido vaga, implica uma informação segura e sincera. A confusão da resposta e, que caracteriza o humor da charge é que enquanto a entrevistadora questiona o fato do candidato não empregar o plural em sua fala, ele interpreta que a palavra “plural” presente na pergunta, se refere a uma pessoa.

3.3. Violação de máxima(s) para obter implicatura conversacional

Texto 04

Conversa de casados:

_ Querido, o que você prefere? Uma mulher bonita ou uma mulher inteligente?

_ Nem uma, nem outra. Você sabe que eu só gosto de você.

Disponível em: <http://www.piadasnet.com/piada1928curtas.htm>

Segundo Costa, as figuras de linguagens são características da violação de uma máxima para obtenção de uma implicatura conversacional.

No diálogo entre o casal, texto 04, a esposa pergunta ao marido quem ele prefere, se uma mulher bonita ou uma mulher inteligente. Ele, por sua vez, contesta em uma primeira resposta: “Nem uma, nem outra”. O que seria suficiente para a pergunta da esposa, todavia ele complementa sua resposta: “Você sabe que eu só gosto de você”. A resposta, portanto, é mais informativa que o exigido. O marido implica que sua esposa nem é inteligente nem é bonita.

Texto 05

O cara chega para o amigo e fala:

A: Minha sogra morreu e agora fiquei em dúvida, não sei se vou trabalhar ou se vou ao enterro dela... O que é que você acha?

B: Primeiro, o trabalho. Depois, a diversão!!!

Disponível em: <http://www.piadasnet.com/piadas-de-sogras.htm>

Uma das temáticas mais abordadas em textos humorísticos são as piadas de sogras. O humor que tematiza o texto 05 é dado através da ironia. Existe um estereótipo forte em que sogras e genros não se dão muito bem. Cria-se a ideia de que os homens não gostam das mães de suas esposas. Nota-se a ironia de B quando perguntado por A, o que acha a respeito de ir trabalhar ou ao enterro de sua sogra, responde: “Primeiro, o trabalho, depois, a diversão!” Isto é, compara ir ao enterro da sogra com diversão. B quebra intencionalmente a máxima de qualidade, pois em sua resposta, afirma algo que é falso. Enterro não é diversão.

4. Conclusão

Através dos enunciados explorados neste trabalho e de acordo com a teoria das implicaturas do modelo de Grice, foi possível analisar a ocorrência das implicaturas conversacionais nos textos humorísticos. Além disso, percebe-se que na maioria deles, são justamente o respeito e/ou a quebra de uma ou mais máximas que produzem seu sentido humorístico.

Podemos perceber a diferença entre as implicaturas convencionais, caracterizadas por enunciados em que seu significado usual é suficiente para dar sentido ao dito, enquanto as implicaturas conversacionais dependem de mecanismos determinados por um contexto comunicativo para poder fazer sentido. Neste caso, os interlocutores precisam compartilhar da mesma mensagem linguística, respeitando as leis do princípio da cooperação. Seja no caso das implicaturas convencionais, seja no caso das implicaturas conversacionais, os indivíduos precisam compartilhar esta mesma mensagem linguística, do contrário, os interlocutores serão considerados comunicativamente incompetentes.

5. Referências

ALMEIDA, Maria de Fátima; SILVA, Rivaldete Oliveira. **Análise da interação verbal na teoria Bakhtiniana**. In.: Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli | V.2., N.1., JUN.2013, p. 117-127;

COSTA, Jorge Campos da. **A teoria inferencial das implicaturas: descrição do modelo clássico de Grice**. In.: Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 44, n. 3, p. 12-17, jul./set. 2009;

GONZÁLEZ, Ana Isabel Hernández. **Grice, H. Paul (1913-1988)**. In.: La web de las biografías. Disponível em: <http://www.mcnbiografias.com/app-bio/do/show?key=grice-h-paul>

VALE, Alfredina Rosa Oliveira de. **A construção do *ethos* masculino e feminino em texto humorístico**. In.: ANAIS do III Simpósio Internacional sobre análise do discurso: emoções, *ethos* e argumentação. Belo Horizonte (MG): UFMG, Abril de 2008, p. 01-08;

VANOYE, Francis. **Linguagem e comunicação**. In.: Usos da linguagem: problemas e

técnicas na produção oral e escrita. 13ª edição. São Paulo: Matrins Fontes, 2007.

